



A geleia geral da alegria, alegria

Os 70 anos de Gil e Caetano lembram o início da carreira deles: a Tropicália, movimento artístico amplo que marcou profundamente o fim dos anos 60. Uma boa hora para refletir sobre o tropicalismo e suas expressões na música, artes plásticas, cinema, literatura e teatro. Veja os principais discos e saiba quem foi Torquato Neto e quem é Tom Zé, dois ícones do tropicalismo. Págs. 3 a 11

Vá ao cinema ver o filme Tropicália

Comer e coçar

Comer, coçar e observar é só começar. Veja o olhar observador sobre o Centro de Integração do TRT5 e o que tem a dizer da rotina e hábitos de quem frequenta o lugar.

Págs. 12 e 13

Viajei & cliquei

O TRT Cultural inaugura a seção de fotos de quem viajou, clicou e vai publicar aqui, dando dicas e enchendo os olhos de beleza. Participem enviando fotos.

Pág. 14

Em cartaz

No cinema destacamos **Intocáveis**, a imperdível história real de dois homens que faz rir e chorar: um tetraplégico que precisa de um ajudante full time. No teatro, **Homens que amam demais** discorre sobre todas as fases do amor, desde a sua descoberta, desenvolvimento, creise, término e retomada. Pág. 15

Editorial

Esses jovens senhores setentões

Voltamos nesta edição com a Tropicália, movimento inspirado no modernismo, cujo marco foi a Semana de Arte Moderna de 1922, e que pretendeu expressar e valorizar a identidade brasileira. A Tropicália é revivida nas próximas páginas por conta dos 70 anos de idade de Gilberto Gil e Caetano, dois senhores revolucionários da nossa música, nascidos em 1942. Muita gente brilhou no movimento tropicalista, tenha quase 70 ou mais, como Tom Zé e Jorge Mautner. Todos parecem jovens e ainda são ídolos, inclusive dos jovens de hoje com seus 20 e poucos anos – e nós que já cantamos “Não confio em ninguém com mais de 30 anos...”. E hoje, a gente ouve quem com menos de 30?

Pois bem, além de Gil e Caetano, fazem 70 também Paulinho da Viola e Milton Nascimento. E cadê os filhos e netos artísticos dessa galera que caminha para a aposentadoria? Mas o mais importante é a gente se espelhar no vigor e produção deles: continuam a compor, a fazer shows, turnês, gravam CD/DVD.

Enquanto comemoramos os 70, choramos com a nossa condição de estado esquecido das grandes turnês pelo Brasil, sejam atrações nacionais ou internacionais. Gil, por sorte, fez sua comemoração no TCA com o brilhante show com a Orquestra Sinfônica da Bahia que depois percorreu outras capitais. Os shows

do Banco do Brasil com Betânia cantando Chico e Lulu Santos cantando Roberto e Erasmo foram em única apresentação. Para uma cidade de três milhões de habitantes, é um acinte: para comprar o ingresso, era preciso chegar às 5h da manhã com grande risco de não conseguir. O mesmo para o show de Chico Buarque, em abril. E claro, jamais chegarão aqui sessentão, setentão e oitentão internacionais como Robert Plant, Paul McCartney e BB King, que neste ano vieram ou vêm ao Brasil que não inclui a Bahia.

Já é hora de a Bahia deixar de ser província e virar metrópole cultural, como fomos nas décadas efervescentes de 50 e 60, produzindo artistas como Tom Zé, Gil, Caetano, Gal, Betânia, Glauber Rocha e Torquato Neto, que morou aqui por dois anos. Saiba mais nas próximas páginas. Curta, divirta-se e participe mais do TRT Cultural.

Missivas

Leu e devorou

Caros colegas, tenho acompanhado o trabalho de vocês e vejo que a cada dia está melhor. Parabéns pela última edição, que li de fio a pavio. Destaco a matéria sobre o centenário de Nelson Rodrigues, que diseca a natureza provocativa, reacionária e genial do polêmico jornalista/dramaturgo. Amigo Bomb, li sua matéria sobre o Peru e tive vontade de ir lá ver tudo aquilo de perto. A matéria cumpriu sua tarefa. Carlo e sua paixão pelo cinema: me lembrou que tenho dedicado pouco tempo a esse prazer. Valorizar o passado, fortalecer o presente e repensar o futuro deveria ser também uma preocupação nossa, soteropolitanos, que vivemos em uma cidade cheia de histórias e problemas. Bom exemplo o da mulher angolana. Por fim, o cabelo. Eu que tenho uma filha de 9 anos e com cabelos crespos, adorei. Até li a matéria com ela, pois já faço o mesmo trabalho de valorização da sua beleza, sem a necessidade de se “adequar” aos padrões que estão aí. Valeu, Solange.

Valeu, galera, podem continuar, pois o caminho é esse mesmo.

Antonio José Góes

1ª Vara de Simões Filho

Envie seu comentário, crítica, sugestão ou elogio

projotosespeciais@trt5.jus.br

Jornal TRT Cultural

Coordenação Editorial:

Vânia Fagundes - Projetos Especiais

Edição / Revisão:

Solange Galvão - Publicidade/Ascom

Participação:

Ana Aragão, Carlo Borges, Glady Carvalho, Juca Pedreira, Solange Galvão e Vânia Fagundes

Realização:

Serviço de Assessoramento em Projetos Especiais

Projeto Gráfico:

Luiz Alberto Gonçalves - Ascom

Arte & Diagramação:

Marcelo Edington - Escola Judicial

E-mail:

projotosespeciais@trt5.jus.br



Após compor tão revolucionária canção, veio dúvida na cabeça de Caetano Veloso, jovem compositor baiano com apenas 26 anos de idade e que no ano anterior tinha estourado com **Alegria alegria**, no Festival de Música na TV Record – ficou em sexto lugar, mas era a música mais executada nas rádios. Qual nome teria esta composição? O cineasta Luís Carlos Barreto, que tinha ouvido Caetano cantá-la em São Paulo, sugeriu Tropicália, inspirado na obra de arte de Hélio Oiticica, que um ano antes tinha mexido com a cabeça de muita gente, na exposição Nova Objetividade Brasileira, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

“Resisti a pôr em minha música o nome da obra de um cara que eu nem conhecia”, lembra Caetano. E o que tinha a ver a obra de Oiticica com a música de Caetano? Barreto havia entendido isso rapidamente: eram similares porque inauguravam uma nova linguagem nas artes brasileiras, da revolução, da indignação, da transposição. Vivia-se no país os anos de chumbo: a ditadura militar, endurecendo com o AI5. Por outro lado, a cultura efervescia e a Tropicália foi um caldeirão cultural que conseguiu, em pouco tempo, se manifestar nas artes, na música, no cinema, na poesia, na literatura, no teatro. E durou apenas um ano. O movimento

foi reprimido pela ditadura e Caetano e Gil exilaram-se em Londres por três anos, depois de ficarem presos aqui no Brasil por dois meses.

Oiticica inaugurou a proposta vanguardista da Tropicália: nos jardins do museu, o público participava da obra transpondo um labirinto construído com uma arquitetura improvisada, semelhante às favelas, um cenário tropical com plantas características e araras. “O público caminhava descalço, pisando em areia, brita, água, experimentando sensações; no fim do percurso se defrontava com um aparelho de TV ligado, um símbolo moderno. A nova imagem do Brasil, os meios de comuni-



cação de massa contrastando com a miséria nacional”, escreveu o artista baiano Almandrade.

A Tropicália buscou a brasilidade. O tropicalismo foi inovador porque misturou aspectos tradicionais da cultura nacional com inovações estéticas como a pop art, e se inspirou no concretismo. E também bebeu na fonte do Modernismo, no antropofagismo, e misturou bossa com samba, guitarra com cuíca, sertão com Nova Iorque. Oiticica assim analisou: “O grande erro é querer-se transformar a cultura, nas suas manifestações, em algo bem comportado, bonito, digno dos lares burgueses com seus preconceitos do que seja bom ou mau etc. Desde cedo aprendi uma coisa importantíssima: nas manifestações da criação humana



tudo vale, principalmente o que violento nosso bem-estar conformista”. O movimento foi muito criticado por aqueles que defendiam o engajamento político. Mas os tropicalistas não pretendiam se enquadrar nessa categoria,

pois eram revolucionários na estética, uma forma de subverter os padrões vigentes.

Os novos padrões estéticos também ocorreram na poesia de Torquato Neto e Capinam (letristas do Tropicalismo), no cinema de Glauber Rocha e no teatro de José Celso Martinez. E influenciou muitas gerações. Também fizeram parte desta corrente cultural o maestro e arranjador Rogério Duprat; cantores e compositores como Tom Zé e Jorge Benjor, Jorge Mautner, Jards Macalé, Gal Costa e Nara Leão e o grupo musical Os Mutantes (Arnaldo e Sérgio Dias e Rita Lee).

Nas artes plásticas, também se destacou Rogério Duarte, que participou do Tropicalismo como mentor intelectual, criador das capas dos principais discos do movimento e como co-autor de algumas músicas com Gil e Caetano. Produziu capas de álbuns de outros grandes artistas da MPB, como Gal, João Gilberto e Jorge Benjor. Mais tarde, como designer, criou – entre muitos outros – os cartazes dos filmes **Deus e o**

Diabo na Terra do Sol e Idade da Terra, do diretor Glauber Rocha.

E esses dois filmes e mais **Terra em Transe**, também de Glauber, influenciaram o Tropicalismo. **Terra em Transe** serviu de inspiração para Caetano ao compor **Tropicália**. O pesquisador Ricardo Janoário, da UFRJ, avalia que a estética tropicalista assimilou a linguagem de Glauber: “O corte, a justaposição, o uso de fragmentos e dos efeitos flashback, presentes na produção cinematográfica, pareciam atrair a atenção, não apenas do grupo baiano, mas também dos expressivos setores da juventude interessados pela cultura”. Marcante também foi o filme **Macunaíma**, de Joaquim Pedro de Andrade, baseado no livro de Mário de Andrade, um dos mentores da Semana de Arte Moderna, de 1922. Influenciou também o movimento a poesia concreta dos irmãos Augusto e Haroldo Campos e Décio Pignatari.



No teatro, o movimento foi inaugurado com a apresentação da peça **O rei da vela** do modernista Oswald de Andrade, dirigido por Zé Celso, em 1967. “Essa nova forma de teatro tinha que ser capaz de despertar no espectador reações, provocando-os a pensar na sociedade em que estavam inseridos. Não era mais possível que o teatro agisse como instrumento de educação, através de histórias de bons-meninos, mas sim através de uma arte brasileira e violenta”, avaliou Zé Celso. A peça também marcou uma ruptura na própria concep-

ção de dramaturgia no Teatro Oficina, em São Paulo, que desde ao anos 50 se destacava pela irreverência.

Tropicalismo foi isso: rápido, irreverente, marcante. Deixou marcas registradas em várias manifestações culturais e até em programas de TV, como Chacrinha, que misturava todas as classes sociais e culturais e era irreverente e inovador. E Chacrinha balançou a pança por muito tempo, o Rio de Janeiro continua lindo, a Tropicália foi superbacana, vivemos até hoje esta geleia geral, só não chegamos ainda no é proibido proibir.

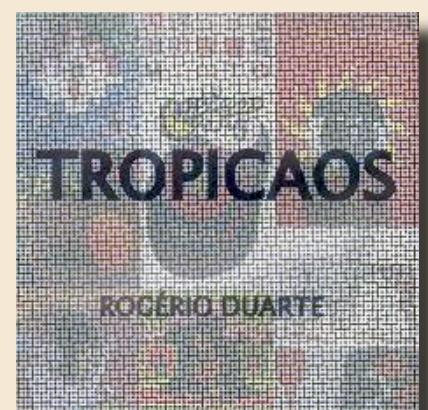


Solange Galvão
ASCOM



Livros sobre o tropicalismo

- **Tropicaos**, com toda a obra escrita de Rogério Duarte
- **Tropicália ou Panis et Circencis, o livro-objeto**, Ana de Oliveira
- **Os últimos dias de paupéria – 1984**, Waly Salomão e Ana Maria Duarte
- **Torquatália – do lado de dentro**, Paulo Roberto Pires, 2005
- **Torquatália - Geléia Geral**, Paulo Roberto Pires, 2005
- **A história de uma revolução musical**, Carlos Calado
- **Tropicália: Um Caldeirão Cultural**, Getúlio Mac Cord



UM ZÉ QUE DÁ O TOM DO BRASIL PROFUNDO



Da caatinga de Iará, cidade pequena da microrregião de Feira de Santana, poderia colher-se tudo: coco da baía, banana, cana de açúcar, fumo, mandioca, abacaxi, milho, soja, feijão, amendoim, algodão..., que movimentam a economia local. Mas há 76 anos, em 11 de outubro, nasceu ali o melhor dos seus frutos, um gabiru chamado Antônio José Santana Martins.



Síntese do movimento tropicalista brasileiro, o miúdo Tom Zé alcançou a grandeza do reconhecimento mundial por sua música repleta de informações, que germinavam em sua cabeça desde que os escritos de Guimarães Rosa lhe caíram às mãos, ainda na infância.

O homem que lançou ao mundo o LP **Defeito de Fabricação**, em 1998, eleito pela crítica especializada um dos dez discos mais importantes do ano, poderia não ter dado certo na vida e sido mais um retirante, quando desembarcou na rodoviária de Salvador para fazer o ensino médio. Mas além das tradições orais e do vívido interesse pelas coisas da terra que trazia do seu Recôncavo, Tom Zé ainda achou de passar em primeiro lugar no vestibular e cursar a Escola de Música da Universidade Fede-

ral da Bahia. Isso no tempo em que os professores, lá, eram Ernst Widmer, Walter Smetak e Hans Koellreutter.

Em 1963, foi natural que se juntassem uns irmãos cabeludos vindos de Santo Amaro, que já faziam rodadas de música e poesia, e ao lado de Gilberto Gil, Gal Costa, Djalma Corrêa, Pitti, Alcivando Luz e Fernando Lona, decidiram montar o espetáculo **Nós, por exemplo**, na semana de inauguração do Teatro Vila Velha, no ano seguinte. O elo estava formado.

São Paulo era um caminho natural, como centro irradiador da cultura brasileira, e foi lá que Tom Zé despejou a sua regionalidade cabocla, no musical **Arena Canta Bahia**, dirigida pelo saudoso Augusto Boal. O tropicalismo como movimento que viria marcar a década de 60 do século passado – e influenciar inteiras gerações daí por diante – teve em Tom Zé um entusiasta participante, desde o seu marco fundador, o disco **Tropicália ou panis et circensis**, em 1968, mesmo ano em que o baixinho de Iará ganhou o primeiro lugar no IV Festival de Música Popular Brasileira, da TV Record, com a canção **São Paulo, Meu Amor**.

Não há ninguém como Tom Zé

Bem Ratliff – The New York Times



Arto Lindsay: “que país é esse, que tem um artista assim e que tão poucos conhecem?” Resultado: lançou sua obra nos Estados Unidos, com total sucesso de crítica, retornando o baiano vanguardista ao panteão dos músicos de qualidade no mundo, de onde jamais poderia ter saído.

Tom Zé já foi tema de três documentários: **Tom Zé, ou quem irá colocar uma dinamite na cabeça do século?** de Carla Gallo (2000); **Fabricando Tom Zé** (2006), por Décio Matos Júnior e **Tom Zé – Astronauta Libertado**, por Igor Iglesias, cineasta espanhol (2009).

Para Caetano Veloso, que entende das coisas, Tom Zé realizou as obras mais ambiciosas que caracterizaram a Tropicália. E é o mano de Santo Amaro quem se penitencia do abandono no passado e sentença sobre o último disco do iraraense, que você



O tom de ousadia, marca registrada do baiano tropicalista, foi a capa do LP **Todos os Olhos**. Ideia de seu amigo poeta Décio Pignatari, a produção artística, que prosaicamente somente precisou do corpo humano e de uma bola de gude, passou incólume pelas mãos dos censores, que não sacaram nada do que era aquele fundo róseo com uma gema ao centro. A sorte estava lançada.

Enquanto seus amigos Gilberto Gil e Caetano Veloso lotavam teatros e surfavam no caminho popular que a Tropicália lhes proporcionou, Tom Zé, no entanto, via seu caminho fechar-se em copas. Semideus cult de universitários, talvez o excesso de informações e o respeito sagrado pela música de verdade paradoxalmente findassem sua carreira, não fosse David Byrne, já em 1990, ter atentado para aquele som refinado de poesia concreta que fluía do LP **Estudando o Samba**, lançado em 1976. Dizem que o ex-membro da banda Talking Heads, perguntou a

deve ouvir se quiser entender o movimento que sacudiu e revelou o Brasil profundo, em 1967: **Tropicália, lixo lógico** é o melhor disco de Tom Zé desde que ele renasceu artisticamente, convidado a sair do esconderijo para onde nós o empurráramos nada menos do que por David Byrne, o mais elegante de todos os roqueiros”.



Juca Pedreira
Gab. Des. Luiza Lomba

UMA PITADA DOS DISCOS TROPICALISTAS

Quando se pensa em Tropicália, apesar de sua extensão e influência em várias manifestações artísticas, as músicas e os músicos vêm logo à cabeça. Ao mesmo tempo, pensar em discos do movimento tropicalista é também pensar no conjunto da obra. A arte das suas capas, especialmente. O fato é que a tropicália, apesar de sua curta duração (a ebulição mais intensa ocorreu em 1967/1968), por conta da repressão da ditadura, foi um movimento que não só marcou época, mas influenciou gerações, ditando moda, padrão de comportamento, e, claro, um estilo musical. Seus principais representantes se mostraram para o Brasil por meio de festivais de música popular, especialmente do festival da TV Record, de 1967. Ali Caetano Veloso mostrou **Alegria, alegria** e Gilberto Gil cantou **Domingo no parque**.

Quatro discos são aqui destacados. Discos notáveis, não só pelo trabalho musical, inovador e vanguardista, mesclando influências, incluindo guitarras, mas também pelas suas capas, que também revelam a estética do movimento.

Em **Caetano Veloso**, de 1967, o artista de Santo Amaro, nos brinda com **Soy Loco por ti América**, uma parceria com Capinam; **Tropicália**; **Alegria, alegria**, só para mencionar as mais



conhecidas, além da arte de Rogério Duarte responsável pela colorida capa, indispensável parceiro tropicalista e um dos mentores do movimento.

No ano de 1968, Gil gravou **Gilberto Gil**, resultado de uma parceria com Os Mutantes, contando com os arranjos do maestro Rogério Duprat. Assim como Caetano, Gil traz nesse disco letras de protesto e se utiliza das guitarras, imprimindo uma sonoridade nova nas músicas. Para alguns, o seu melhor disco, o certo é que representou uma alavanca na car-



reira de Gil. Grava **Domingo no parque**, com a participação dos Mutantes, e que havia sido apresentada no ano anterior no Festival da Record. Trouxe ainda nesse álbum **Frevo Rasgado**, **Marginália II** e **Procissão**. O nosso baiano entra, definitivamente, no circuito da música popular brasileira.

Tropicália ou Panis Et Circencis, também de 1968, é uma espécie de álbum manifesto, encabeçado pelos Mutantes, com participação de Gil-



berto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa, Nara Leão, Tom Zé - além dos poetas Capinam e Torquato Neto e do maestro Rogério Duprat, responsável pelos arranjos. A importância do disco está, não só na qualidade musical, mas na junção de grandes talentos da nossa música, representando as vertentes do movimento, e em plena ditadura militar. Do pop ao concretismo, passando pelo brega, nesse álbum estão canções como

História

Baby, interpretado por Gal Costa; **Miserére Nóbis**, por Gil, que, juntamente com Caetano, Gal Costa e Os Mutantes, cantam o **Hino do Senhor do Bonfim**. Mas é **Panis et circenses**, interpretada pelos Mutantes, a mais marcante do disco:

*“Eu quis cantar minha canção
iluminada de sol*

*Soltei os panos sobre os
mastros no ar*

*Soltei os tigres e os leões nos
quintais*

Mas as pessoas na sala de jantar
São ocupadas em nascer e morrer.”
Um dos discos menos conhecidos,
A banda tropicalista de Duprat,

de 1968, é obra do maestro Duprat, que ingressou no movimento depois de ter conhecido os Mutantes e se juntado ao grupo, fazendo arranjos como o de **Domingo no parque**, interpretado por Gilberto Gil no



Festival de 1967. Neste álbum, Duprat gravou canções internacionais, mesclando com músicas brasileiras de variados estilos, como **Chiquita bacana**, com participação dos Mutantes, **Chega de saudade**, **Bom tempo**, de Chico Buarque, **Baby**, **Frevo rasgado**, músicas que ganharam novas e inventivas versões pelo maestro. O fato é que Duprat foi um dos maiores responsáveis pela ascensão do tropicalismo, dando uma roupagem mais elaborada à tropicália, fazendo uma junção criativa da música brasileira com as tendências internacionais.

Estava instaurado, nesses dois anos, um caleidoscópio musical.



Ana Aragão
Escola Judicial



SOBRE TORQUATO – O ANJO TORTO



O poeta nasceu em Teresina, Piauí, em 1944, mas mudou-se para Salvador aos 16 anos para concluir os estudos secundários, no Colégio Maristas, onde foi contemporâneo de Gilberto Gil e testemunha de uma fase culturalmente rica da cidade, efervescente nas suas manifestações, fruto principalmente da ação do professor Edgard Santos, fundador da Universidade Federal da Bahia. Salvador nas décadas de 50 e 60 se tornara uma referência cultural expressiva, com a presença na Ufba de vários artistas e acadêmicos significativos, tanto na música, quanto na dança ou no teatro, e, apesar de na cidade não haver uma produção cultural eficiente para o aproveitamento dos talentos surgidos, servia como usina de ideias e de valores pessoais, que depois partiam para o “Sul Maravilha” em busca de sucesso e concretização de uma carreira financeiramente viável.

Torquato viveu em Salvador por dois anos. Chegou a trabalhar como assistente de Glauber Rocha nas filma-

gens de **Barravento**. Foi então para o Rio de Janeiro cursar jornalismo, que não concluiu, mas foi crítico em diversos jornais, atuando como agente cultural e polemista, defensor das manifestações artísticas de vanguarda como a Tropicália, a poesia concreta e o cinema marginal. Foi ele quem escreveu o breviário **Tropicalismo para principiantes**, que defendia a inserção do Brasil no mundo da cultura pop, desenvolvendo uma linguagem própria. Era algo como uma reedição do Movimento Antropofágico Brasileiro do começo do século XX, que originou a Semana de Arte Moderna de 1922: uma arte universal com a valorização da identidade brasileira, mantida como mote principal da criação artística.

Além de crítico e polemista, ele foi um importante compositor, autor de vários ícones musicais com parceiros como Gil, Caetano, Edu Lobo, Luiz Melodia, João Bosco e muitos outros. Teve a obra poética publicada em três livros póstumos, organizados por Waly Salomão e Ana Maria Duarte (**Os últimos dias de paupéria** – 1984) e por Paulo Roberto Pires (**Torquatália – do lado de dentro**; e **Torquatália – Geleia Geral**, ambos de 2005). Por ter trabalho nas revistas e jornais da época como crítico, era dos poucos da turma que tinham dinheiro, seu apartamento em Copacabana então funcionava como polo

dos artistas rebeldes e duros, para onde iam os grupos notívagos para conversas infundas, beberagens pertinentes, em reuniões para fomentar a própria criatividade e as liberdades sonhadas, em tempos de ditadura.

O Anjo Torto, que era desafinado, e, portanto não cantava, dizia: “pessoalmente, eu acredito em vampiros”. O autor de *Geleia Geral*, em parceria com Gilberto Gil, e de tantos outros emblemas contestadores do conservadorismo, foi gravado por Elis, Nara e outras musas, além de Gal e Bethânia, claro. Ele não resistiu nem se adequou, ele não resistiria e não, não se adequaria. O moço que era triste e inquieto disse: “Aqui é o fim do mundo, aqui é o fim do mundo, ou lá”, e também disse: “minha terra tem palmeiras onde sopra o vento forte da fome do medo e muito principalmente da morte”. Não suportou e quis ficar sossegado.



Aos 28 anos, matou-se no banheiro ao abrir o gás... Pediu que não sacudissem demais o filho, com dois anos à época, que ele podia “acordar”!

Falam que o tema suicídio era recorrente no seu dia a dia. Ele era intenso e dramático como cabe aos extremamente sensíveis ser, e sempre ameaçava suicidar-se. Nana Caymmi relata em entrevista que sua morte não chegou a ser exatamente uma surpresa, da forma que foi, ela disse: “ele finalmente cumpriu o que sempre falava”. O mundo das artes é cheio de figuras que passam rápido como cometas, mas cuja luz permanece intensa, viram referência daquilo que pode modificar o tempo, a cultura e a vida das pessoas, que são tocadas por uma sensibilidade tão particular.

Torquato teve essa chance, e a usou apesar da brevidade de sua vida. Esteve no momento e lugares certos,



encontrou as pessoas certas que, reunidas, contestaram o establishment e tentaram construir uma linguagem própria. Apesar de na época ele não ter tido tanta exposição quanto alguns dos companheiros do Tropicalismo, sua atuação foi vigorosa no backstage, nas parcerias de composições marcantes até hoje. Da identidade latino americana, ao romantismo delicado e triste, passando pela ideias do jovem rebelde e criativo, sua obra foi vasta em quantidade e qualidade. Talvez canção a mais gravada tenha sido **Prá dizer adeus**, que compôs com Edu Lobo e que traduz a melancolia do ser eternamente apaixonado:

Adeus

*Vou prá não voltar
E onde quer que eu vá
Sei que vou sozinho
Tão sozinho amor
Nem é bom pensar
Que eu não volto mais
Deste meu caminho
Ah! Pena eu não saber
Como te contar
Que o amor foi tanto
E no entanto, eu queria dizer
Vem
Eu só sei dizer
Vem
Nem que seja só
Prá dizer adeus*

O poeta matou-se após várias crises em 1972. Os companheiros Gil e Caetano haviam sido presos e



exilados em 1968, ele então passa um período viajando pela Europa e Estados Unidos e mora em Londres por um curto período, volta ao Rio e torna-se um crítico ferrenho das manifestações dos demais artistas da época. Se isola e passa a ter problemas com alcoolismo e outras drogas, chegando a se internar para tentativas de desintoxicação. Finalmente, um dia após completar 28 anos, toma a atitude definitiva e se junta à plêiade dos jovens gênios que não alcançam os 30 anos.

Uma das mais inspiradas canções de Caetano Veloso, **Cajuína**, foi feita após uma visita que o baiano fez ao pai do poeta em Teresina, algum tempo depois da morte de Torquato. Expressa a tristeza de ambos em um lamento lírico e sertanejo, que se traduz em beleza, no paladar doce-azedo da sina do menino infeliz que não se nos ilumina.



Carlo Borges
25ª VT de Salvador

OBSERVATÓRIO GASTRONÔMICO

O sol ainda não se colocou naquela posição em que pisamos sobre a nossa própria sombra - lugar aonde reina absoluto no centro do céu - no entanto cá dentro não faz calor. O salão, bastante iluminado, no momento encontra-se deserto. Ao fundo vê-se, através de uma janela de vidro, uma nesga do mar da baía de Todos os Santos. A paisagem vista quase sempre é elogiada pelos frequentadores do lugar.

No pequeno recinto ao lado escuta-se um som abafado. De repente a porta de vidro da entrada principal se abre. Alguém caminha com passos lentos, porém firmes. É uma mulher. Ela é alta e tem porte de rainha. Não de uma rainha ativa e imperiosa e sim doce e decidida. Dirige-se para uma mesa, repousa nela uma sacola e começa a retirar de dentro algumas vasilhas. Pega um prato vazio, põe nele o que trouxe, abre um dos aparelhos que estão dispostos sobre uma bancada, digita alguns comandos, coloca o prato dentro e aguarda. O que será que pensa essa moça? Ouve-se um apito. A moça com porte de rainha retira o seu prato e senta-se. Silenciosamente começa a comer. Por que será que algumas pessoas preferem a solidão? O que será que a moça solitária pensa?

Passados alguns minutos a porta abre-se novamente. Agora várias pessoas entram. São os jovens que se comunicam com sinais. Não fazem muito barulho, porém não são de todo silenciosos. Ocupam três mesas. Uma pequena fila se forma em frente aos aparelhos. A TV já está ligada. Lá fora já se pisa na sombra. A moça solitária arruma as suas coisas e sai. Aos poucos mais pessoas vão entrando e se acomodando. A menina do talher de ouro já chegou. Por que será que ela não come mais com o seu talher de ouro? Aquele que foi da sua avó. Era tão lindo ver o brilho dourado entrando e saindo da sua boca... Ela nunca chega só, está sempre acompanhada por mais duas ou três pessoas. O papo rola solto e risadas são ouvidas. A menina do talher de ouro gosta muito de rir, tem muito bom humor e ao falar move a cabeça para o alto.



O movimento agora é intenso. Os silenciosos, não tão silenciosos, começam a se retirar. Despedem-se uns dos outros fazendo vários sinais com as mãos. Outras pessoas vão chegando, agora em duplas ou grupos. Sacolinhas vão sendo colocadas nas mesas e pratos sendo feitos e levados para os aparelhos de esquentar. Os apitos tornam-se constantes. Tem aqueles que comem diretamente de suas vasilhas... Tem a moça que ao sentar-se sempre dispõe sobre a mesa um paninho trazido de casa... Tem alguns que comem a salada antes... Tem quem só come bebendo suco... Alguém acaba de me dizer que vai “roubar” a pimenta do meu marido. Outro pergunta: quem tem farinha? Acaba de entrar o “antes só do que mal acompanhado”. Ele sempre diz isso ao chegar, no entanto, muitas vezes senta-se à mesa em companhia de outras pessoas. Acho que no fundo ele gosta mesmo é de polemizar e de misturar macarrão com farinha. Tem aquele que se senta na entrada do salão sempre sozinho. Por que será? Do seu lugar pode-se observar tudo e todos. Será que é disso que ele gosta?

Diversos rituais são observados. Alguns se intrometem na conversa da mesa do lado... Outros apenas olham. Alguém chama a atenção para o que passa na TV e todos olham. Quem é do Bahia tira sarro do Vitória e vice e versa.

A turma do “Pessoal” já terminou, mas ninguém parece ter pressa. Estão atentos a um caso que a mais experiente conta de forma bem especial e espirituosa. Agora todos riem. Fiquei curiosa! Os cheiros vão ficando cada vez mais fortes. Receitas são prometidas e nem sempre as promessas serão cumpridas... minha culpa, minha culpa, minha tão máxima culpa.

Os cardápios são variados e vão desde uma maniçoba, um sarapatel até um grelhadinho bem básico, acompanhado de arroz integral. D. Flor acaba de chegar com os seus “três maridos”. Ela é baixinha, esguia e possui um belo traseiro empinado (Jorge Amado ficaria encantado, in-

clusive com os seus dotes culinários). Estuda gastronomia e seus pratos são invejados. Oferece aos seus “maridos” o que trouxe de especial. Adora falar sobre filmes e livros. Seus vestidos, como o seu astral, estão sempre lá no alto. Gosta muito de se comunicar e antes de sair passa na minha mesa para um dedinho de prosa. Aos poucos o salão vai ficando vazio novamente. O último antes de sair desliga a TV e não apaga a luz. O silêncio volta a habitar o lugar. Lá fora o sol já deixou o centro. Mas hoje é quarta e amanhã é “quase sexta” e a alegria vai voltar a frequentar esse lugar.



Vânia Fagundes
Projetos Especiais



Viajei & Cliquei

Viajei



Cliquei



Canal de Amsterdã - Holanda

Ana Aragão - Escola Judicial



Ponte do Brooklyn, Nova York - EUA

Marcelo Edington - Escola Judicial



El Colorado - Chile

Solange Galvão - ASCOM



Cerro Otto, Bariloche - Argentina

Carlos Santiago - Escola Judicial

Envie suas fotos para o e-mail
projetosespeciais@trt5.jus.br

PARTICIPE!

Filme em Cartaz ou não

Intocáveis Grande filme, que faz rir e chorar. Baseado em fatos reais, o personagem de François Cluzet sofreu um acidente que o deixou tetraplégico, e está em busca de um ajudante full time. O belo ator Omar Sy encarna Driss, nascido no Senegal, criado na periferia de Paris e recém-saído da prisão, ele é o exemplo do que não funcionaria para ser o enfermeiro para o aristocrata e milionário Philippe. Não é o que se verifica ao longo da trama. De modo desprezioso, a energia irresponsável do ex-presidiário inunda o outro com uma vitalidade esquecida na vida então amortecida pelo tempo em cadeiras de rodas e cuidados médicos. A amizade é o grande personagem. A cumplicidade e a alegria de viver se tornam o grande saldo desse encontro, que tem no contraste das vidas e personalidades o elo transformador de ambas. E “vive la difference”. Imperdível!!



Carlo Borges
25ª VT de Salvador



O eu poético masculino

Homens que amam demais é uma peça que trata do sentimento do amor, em toda a sua inteireza e complexidade.

Partindo de um “eu poético” masculino, que não tem pudor de revelar seu lado feminino com a sensibilidade e entrega ao amor, apresenta um texto profundo que discorre sobre todas as fases do amor, desde a sua descoberta, desenvolvimento, crise, término e retomada.

No palco, dois atores (Caíca Alves e Daniel Becker), vestidos rigorosamente iguais, representando duas faces do mesmo sujeito, alternando-se entre ego e alter ego ou, com o perdão da metáfora, em um “diálogo consigo mesmo”, como uma espécie de jogo de espelhos do verso e do averso.

O espetáculo pretende ser um recital musicado sobre relações afetivas, através de textos filosóficos e a produção musical brega (de diversas décadas).

Embora possa se questionar a qualidade musical dos intérpretes, cujas vozes e dicção não encantam, o texto é bem construído, apresentando situações caracterizado-

ras da trajetória amorosa, declarando ter tomado como marcos teóricos os trabalhos de Roland Barthes (Fragmentos de um discurso amoroso) e Zygmunt Bauman (Amor líquido), o que, por si só, já permite uma boa reflexão de quem prestar atenção ao seu desdobrar, com mente e espírito aberto.

O cenário é minimalista, mas atende à proposta da peça, que, quando não cai na tentação das “caras e bocas” do besteiro (o que é raro e muitas vezes mais impulsionado pela plateia do que pela intenção dos artistas), merece, pelo menos, ser conferida.



Rodolfo Pamplona
1ª VT de Salvador



TEATRO

DRÁCULA

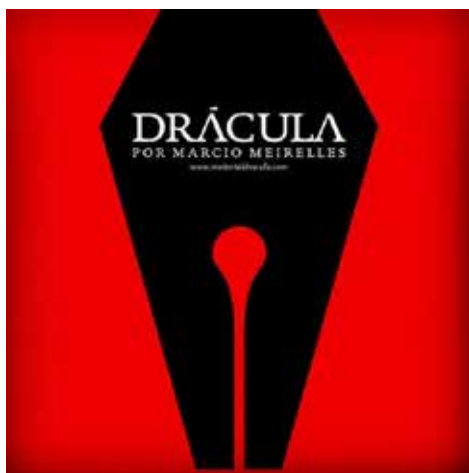
Converging teatro, tecnologia e novas mídias, Drácula - obra homônima de Bram Stoker (1897), o mais célebre romance de horror - será livremente adaptado, sob a direção de Marcio Meirelles.

Onde: Teatro Vila Velha

Quando: de 14 a 23/9 - sex a dom

Horário: 20h

Ingressos: 30,00 e 15,00



7 CONTO

O ator Luís Miranda em nova temporada do espetáculo "7 Conto - A Comédia" A história narra as diferenças nacionais através de sete personagens bem humorados.

Onde: Teatro Jorge Amado

Quando: até 18/11 - sab e dom

Horário: 20h - sábado 19h - domingo

Ingressos: 50,00 e 25,00



PARTISTE

Ganhadora do Prêmio Braskem de Teatro 2010 na categoria de Melhor Texto, escrito por Paulo Henrique Alcântara – também diretor do espetáculo –, montagem retrata o dia-a-dia de uma família após a partida de um membro muito querido.

Onde: Teatro SESI Rio Vermelho

Quando: de 1 a 30/9 - sab e dom

Horário: 20h

Ingressos: 20,00 e 10,00

A HISTÓRIA DE NÓS 2

Elogiada pela crítica e pelo público, é uma comédia romântica que envolve, faz rir e chorar. O casal está em processo de separação, e numa última conversa tenta identificar os motivos que levaram ao fracasso do relacionamento. Não estragar as surpresas e o final, mas não existe quem não se identifique com pelo menos uma das situações vividas por eles.

Onde: Teatro Casa do Comércio

Quando: 6 e 7/10 - sab e dom

Horário: 19h30 e 21h30 - sábado

20h - domingo

Ingressos: 70,00 e 35,00



TEATRO INFANTIL e INFANTO-JUVENIL

A NOITE DO PIJAMA

Dirigida por Fernanda Paquelet e Jarbas Oliver, também autor do texto, a peça narra aventuras de crianças que se divertem ao descobrirem brincadeiras do passado.

Onde: Teatro Eva Hertz

Quando: de 1 a 30/9 - sab e dom

Horário: 15h

Ingressos: 30,00 e 15,00

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Montagem baseada na obra de Lewis Carol narra as aventuras da menina Alice, que, ao mergulhar no seu próprio universo, descobre um mundo fantástico que é só seu.

Onde: Teatro Gil Santana

Quando: de 1 a 30/9 - sab e dom

Horário: 18h

Ingressos: 25,00 e 12,50

OS TRÊS PORQUINHOS

Inspirada no clássico da literatura infantil, a peça conta as aventuras de três porquinhos que fazem de tudo para se livrar do Lobo Mau

Onde: Teatro Gil Santana

Quando: de 1 a 30/9 - sab e dom

Horário: 15h

Ingressos: 25,00 e 12,50

MÚSICA

BANDA SPECTRO

Grupo de cover apresenta repertório do mundialmente conhecido rock progressivo da banda Pink Floyd.
 Onde: Varanda do Teatro SESI
 Quando: 7 a 28/9 às sextas
 Horário: 20h
 Ingressos: 30,00 e 15,00

.....

CHORO DO UIRAPURU

A proposta é interpretar peças do repertório em violão, sambas, choros instrumentais e choros cantados de grandes mestres da música, como Pixinguinha, Cartola e Baden Powell
 Onde: Varanda do Teatro SESI
 Quando: 6 a 27/9 às quintas
 Horário: 22h
 Ingressos: 10,00

.....



JAM NO MAM

Com uma programação semanal na área externa do MAM – e com uma das vistas mais bonitas de Salvador – a JAM no MAM leva para os finais de tarde dos sábados uma trilha sonora especial, baseada no melhor estilo das jam sessions.
 Onde: Área externa do Mam Av. Contorno
 Quando: todos os sábados
 Horário: Por do sol
 Ingressos: 6 e 3

OS INGÊNUOS

Principal responsável pelo movimento do choro em Salvador, o conjunto musical, formado em 1975 e que tem como líderes Edson Sete Cordas e Cacau do Pandeiro, apresenta o melhor do chorinho.
 Onde: Varanda do Teatro SESI
 Quando: 3 a 24/9 às segundas
 Horário: 19h30
 Ingressos: 15,00

.....

CONCERTO ORQUESTRA AFRO SINFÔNICA

Com regência de Ubiratan Marques e execução de músicas sinfônico-populares, a orquestra estreia em Salvador projeto de circulação estadual, e realiza também workshop de Harmonia.
 Onde: Cine-Teatro Solar Boa Vista
 Quando: 20/9
 Horário: 20h
 Ingressos: gratis

MALLU MAGALHÃES

Pela primeira vez no Teatro Vila Velha, a cantora Mallu Magalhães apresenta a turnê de “Pitanga”, seu mais novo álbum. O show faz parte do projeto Vila da Música e vai contar com canções como “Velha e Louca”, “Cena”, “Moreno do Cabelo Enroladinho”, entre outras. De acordo com a crítica, este terceiro álbum é marcado pelo amadurecimento pessoal, profissional e musical de Mallu, além de sua participação nos instrumentos, como bateria, piano e guitarra, nunca antes explorados pela cantora.
 Com composições próprias em português e inglês, o álbum foi produzido por Marcelo Camelo e contou com a participação de músicos como Kassin, André Lima (teclados), François (trombone), Josué (flauta), Daniel D’Alcantara (flugel horn) e Maurício Takara em duas baterias.
 Onde: Teatro Vila Velha
 Quando: 26/9
 Horário: 20h
 Ingressos: 60,00 e 30,00



ARTES VISUAIS

PANÁFRICA

Exposição de longa duração com recortes de uma África plural e historicamente reinventada, oferece a coleção completa do industrial italiano Claudio Masella, doada ao Estado da Bahia em 2004.

Onde: Centro Cultural Solar Ferrão

Quando: sáb, dom e feriados

Ingressos: grátis

.....

HUMANOS, PONTO INTERIOR

Exposição dos artistas Elvira Bono, Eduardo Silva, Diego J Cardoso, Janusberg e Thainan Tanajura, que buscam representar o ser humano, suas necessidades e seus sonhos.

Onde: Biblioteca Pública do Estado

Quando: até 28/9

Horário: 8h20s 21h

Ingressos: grátis

.....

SMETAK – O ALQUIMISTA DO SOM

Exposição de longa duração apresenta as “Plásticas Sonoras” criadas por Walter Smetak, com peças do acervo da família do músico suíço que viveu na Bahia entre 1937 e 1984.

Onde: Centro Cultural Solar Ferrão

Quando: sáb, dom e feriados

Ingressos: grátis



JORGE AMADO E UNIVERSAL

Jorge, Amado e Universal - Como parte das comemorações do centenário de Jorge Amado, exposição reúne fotografias, objetos, folhetos de cordel, filmes e imagens, cuja maioria nunca foi vista pelo público.

Onde: MAM

Quando: até 21/10

terça a domingo

Horário: 14h às 19h

Ingressos: grátis

.....

FRAGMENTOS: ARTEFATOS POPULARES O Olhar de Lina Bo Bardi

Mais de 800 peças coletadas pela artista em sua passagem por cidades e zonas rurais do Nordeste do Brasil nas décadas de 1950 e 60.

Onde: Solar Ferrão

Quando: sáb, dom e feriados

Horário: 12h às 17h

Ingressos: grátis

AGENDA DO INTERIOR

ARTES VISUAIS

SALÕES DE ARTES VISUAIS DA BAHIA

Mostra com 25 obras, selecionadas através de edital público, de 14 artistas de Salvador e outros 11 de diversos municípios baianos, integra projeto de difusão da produção contemporânea em Artes Visuais na Bahia

Onde: Centro de Cultura ACM (Jequié)

Quando: até 30/9

Ingresso: grátis

